



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS**

JOSÉ RICARDO MIRANDA RAIMUNDO

**ESCREVIVÊNCIAS POÉTICAS ENTRE VOZES FEMININAS NA ANTOLOGIA
ESCRITURAS NEGRAS – A MULHER QUE RELUZ EM MIM: CECÍLIA PEIXOTO,
PATRÍCIA ANUNCIADA E CRISTIANE LIMA**

**GUARABIRA/PB
2023**

JOSÉ RICARDO MIRANDA RAIMUNDO

**ESCREVIVÊNCIAS POÉTICAS ENTRE VOZES FEMININAS NA ANTOLOGIA
ESCRITURAS NEGRAS – A MULHER QUE RELUZ EM MIM: CECÍLIA PEIXOTO,
PATRÍCIA ANUNCIADA E CRISTIANE LIMA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado à Coordenação do Curso de Letras -
Português da Universidade Estadual da Paraíba
– Campus III, como requisito parcial à obtenção
do título de Licenciatura em Letras.

Área de concentração: Literatura, identidade e
alteridade.

Orientador: Prof. Dr. Olavo Barreto de Souza

GUARABIRA/PB
2023

FICHA CATALOGRÁFICA

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

R153e Raimundo, José Ricardo Miranda.
Escrevivências Poéticas entre Vozes Femininas na Antologia Escrituras Negras - A Mulher que Reluz em Mim [manuscrito] : Cecília Peixoto, Patrícia Anunciada e Cristiane Lima / Jose Ricardo Miranda Raimundo. - 2023.
28 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2023.

"Orientação : Prof. Dr. Olavo Barreto de Souza, Departamento de Letras e Humanidades - CCHA. "

1. Escrevivência. 2. Poesia negra-feminina. 3. Escrituras negras. 4. Cecília Peixoto. 5. Patrícia Anunciada. 6. Cristiane Lima. I. Título

21. ed. CDD 800

Em especial, *in memoriam*, dedico minha pesquisa e formação acadêmica
a minha mãe e minha avó paterna, eternamente queridas
e, fundamentalmente, a Deus.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela minha vida, e por me permitir ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo da realização deste trabalho.

Ao Prof. Dr. Olavo Barreto de Souza, por ter sido meu orientador e ter desempenhado tal função com dedicação, entusiasmo, humanidade e amizade. Um grande professor que considerando minhas limitações, não deixou em nenhum momento de me encorajar, de me ensinar a refletir e questionar, ao longo do desenvolvimento deste trabalho.

À instituição de ensino Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), essencial no meu processo de formação profissional, pela dedicação, e por tudo o que aprendi ao longo dos anos do curso.

Aos professores, que aceitaram compor a banca avaliadora, pelas correções e ensinamentos que me permitiram apresentar um melhor desempenho no meu processo de formação profissional ao longo do curso.

Aos meus familiares, em especial aos meus primos, Fernanda Soares Raimundo da Silva, Natanael Faustino da Silva, Rafael Soares Raimundo e minha irmã Danielle Miranda Raimundo, por todo o apoio e pela ajuda, que muito contribuíram para a realização deste trabalho.

À minha esposa Mayssa da Silva Barbosa, à minha sogra, Maria Hilda Bezerra da Silva, e minha filha Aiyra Victória da Silva Miranda Raimundo que pacientemente suportam o processo e os percalços ao longo da realização deste trabalho.

Aos amigos, em especial a Sandra Regina da Silva Calado e Jonas da Silva Meireles, que sempre estiveram ao meu lado, pela amizade incondicional e pelo apoio demonstrado ao longo de todo o período em que me dediquei a este trabalho.

JOSÉ RICARDO MIRANDA RAIMUNDO

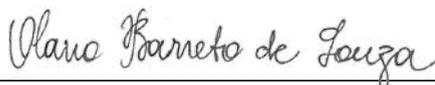
**ESCREVIVÊNCIAS POÉTICAS ENTRE VOZES FEMININAS NA ANTOLOGIA
*ESCRITURAS NEGRAS – A MULHER QUE RELUZ EM MIM: CECÍLIA PEIXOTO,
PATRÍCIA ANUNCIADA E CRISTIANE LIMA***

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de Letras - Português da Universidade Estadual da Paraíba - Campus III, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Letras.

Área de concentração: Literatura, identidade e alteridade.

Aprovada em: 07/07/2023

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Olavo Barreto de Souza (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba



Prof. Me. Anilda Costa Alves (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba



Prof. Me. Isabelle Santos Araújo (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba

ÍNDICE DE FIGURAS

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	9
2 APRESENTAÇÃO DA ANTOLOGIA ESCRITURAS NEGRAS – A MULHER QUE RELUZ EM MIM E DAS AUTORAS SELECIONADAS PARA NOSSA PESQUISA...11	
2.1 Escrituras negras – a mulher que reluz em mim.....	11
2.1.1 Sobre a organizadora: Jeovânia Pinheiro do Nascimento.....	12
2.1.2 Sobre a poeta: Cecília Peixoto da Silva.....	12
2.1.3 Sobre a poeta: Patrícia Anunciada.....	13
2.1.4 Sobre a poeta: Cristiane Lima.....	14
3 ESCRIVIVÊNCIA: ASPECTOS GERAIS.....	14
4 A ESCRIVIVÊNCIA DE CECÍLIA PEIXOTO, PATRÍCIA ANUNCIADA E CRISTIANE LIMA.....	16
4.1 O Desabafo e o Reconhecimento: “Intolerância”, de Cecília Peixoto.....	16
4.2 Descrição de Vidas: “Ser Negra”, de Patrícia Anunciada.....	19
4.3 Sabedoria Ancestral: canção de Liberdade em “Resistência”, de Cristiane Lima Santos Rocha.....	21
4.4 Entre as escriviências poéticas, as encruzilhadas.....	24
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
REFERÊNCIAS.....	26

ESCREVIVÊNCIAS POÉTICAS ENTRE VOZES FEMININAS NA ANTOLOGIA *ESCRITURAS NEGRAS – A MULHER QUE RELUZ EM MIM: CECÍLIA PEIXOTO, PATRÍCIA ANUNCIADA E CRISTIANE LIMA*

José Ricardo Miranda Raimundo¹

RESUMO

O presente artigo discute a importância de produções literárias de cunho feminino negro, buscando entender na escrita das poetisas investigadas como traduzem a escrevivência processada nos signos/símbolos da negritude em suas tessituras estéticas. Para isso, temos como principal objetivo de pesquisa interpretar como a escrevivência é processada nos poemas de mulheres negras, tais como as publicadas nas antologias de Jeovânia Pinheiro do Nascimento. Escolhemos especificamente a obra *Escrituras Negras: A Mulher que Reluz em Mim* (NASCIMENTO, 2020), da qual pinçamos para análise interpretativa os seguintes poemas: “Intolerância”, de Cecília Peixoto, “Ser Negra”, de Patrícia Anunciada e “Resistência” de Cristiane Lima contidos nesta antologia. Dessa maneira, como metodologia para a elaboração desse trabalho, realizamos uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, a partir de diferentes autores como Evaristo (2020), Viciniescki (2020), Alencar (2021) entre outros. Verificamos que o engenho poético das autoras propicia através de suas escrevivências a reflexão sobre um universo de sentidos que estão para além dos que aqui foram apresentados. As autoras utilizam a escrita para produção de poemas a partir da sua ótica de mundo, bem como regadas por conhecimentos de seus ancestrais. Sabendo disso, se faz necessário investir em pesquisas mais amplas sobre produções literárias de mulheres negras no geral, dando-lhes notoriedade e enriquecendo as produções acadêmicas.

Palavras-chave: Escrevivência; poesia negra-feminina; Escrituras negras; Cecília Peixoto; Patrícia Anunciada; Cristiane Lima.

ABSTRACT

This article discusses the importance of literary productions of a black female nature, seeking to understand in the writing of the investigated poets how they translate the writing process processed in the signs/symbols of blackness in their aesthetic textures. For this, our main research objective is to interpret how writing is processed in the poems of black women, such as those published in the anthologies of Jeovânia Pinheiro do Nascimento. We specifically chose the work *Black Scriptures: A Mulher que Reluz em Mim* (NASCIMENTO, 2020), from which we selected for interpretive analysis the following poems: “Intolerância”, by Cecília Peixoto, “Ser Negra”, by Patrícia Anunciada and “Resistência” by Cristiane Lima contained in this anthology. In this way, as a methodology for the elaboration of this work, we carried out a qualitative bibliographical research, from different authors such as Evaristo (2020), Viciniescki (2020), Alencar (2021) among others. We verified that the poetic ingenuity of the authors provides, through their writings, the reflection on a universe of meanings that are beyond those presented here. The authors use writing to produce poems from their perspective of the world, as well as watered by knowledge of their ancestors. Knowing this, it is necessary to invest in broader research on literary productions by black women in general, giving them notoriety and enriching academic productions.

Keywords: Lived experience; black-female poetry; Black Writings; Cecília Peixoto; Patrícia Anunciada; Cristiane Lima.

¹ Graduado em Letras, Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: jose.miranda@aluno.uepb.edu.br

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A mulher é uma figura que na maioria das vezes não é representada satisfatoriamente na história, na sociedade e na cultura, poucas são as que ocupam espaço de destaque, pensando num passado no qual o homem era o centro da cultura. A situação se agrava quando se é mulher negra, pois recai sobre ela uma dupla subalternização, a do gênero e a da raça.

No universo literário, a mulher negra, ora é representada por um homem branco através de estereótipos, ora se vê obrigada a ficar na sombra de um nome masculino para poder produzir sua representação literária. Por muitos anos as mulheres negras sofrem com imagens inventadas e divulgadas em obras literárias sob o domínio patriarcal na sociedade branca brasileira e luta contra a interiorização de definições e conceitos que as marginalizam. Não nos esqueçamos de preconceito, racismo de diversas formas, a exclusão e outros comportamentos sociais que afligem desde o psicológico até o estado físico de tantas mulheres.

Em se tratando de produção literária, aos poucos mulheres negras se colocam como escritoras, levando sua voz e a voz daquelas e daqueles que de alguma forma foram impedidos de falar, transgredindo seu local na sociedade e se realocando para um novo ambiente. Essa representatividade se dá, por exemplo, em meios como *Cadernos negros*, do grupo *Quilombohoje*, onde são publicados os escritos dessas notáveis mulheres. Quando a sociedade não abre espaço para a produção literária de mulheres negras, tende a querer manter essas mulheres no universo subalterno, reafirmando que o passado escravagista está presente na vida delas, mas de formas diferentes, como o racismo em suas diversas formas. Quando as mulheres negras se refazem na escrita, evidenciam outras tantas que, com sua contribuição literária, mantêm na memória e na palavra escrita o conhecimento ancestral que fica mesclado com suas vivências.

Uma das mulheres que vêm dando visibilidade para escritas de outras mulheres negras é Jeovânia Pinheiro do Nascimento. Essa escritora organiza antologias que privilegiam a autoria feminina negra. Também, ela mesma, produz literatura e já foi traduzida na Universidade da Geórgia na antologia *Escrevivências e [R]existências - A Poesia de Autoras Negras Brasileiras*.

Se as universidades não investirem em literaturas não-canônicas², estarão desperdiçando oportunidades para as instituições e para os alunos delas e nesse propósito abordaremos um recorte de investigação, pois, sendo muitas mulheres, publicadas em muitas antologias, fica inviável tratar de todas elas aqui. Diante disso, nosso artigo tem como propósito de pesquisa: dar visibilidade à produção de mulheres negras, tais como as publicadas nas antologias de Jeovânia, para isso escolhemos a obra *Escrituras Negras: A Mulher que Reluz em Mim*. Nela, para especificar nosso olhar, pinçamos três poemas, de vozes femininas distintas, indicadas abaixo, para apreciação interpretativa.

Nossa atitude investigativa, desenvolvida nesse artigo, visa responder a seguinte questão: como os textos de Cecília Peixoto, Patrícia Anunciada e Cristiane Lima traduzem a escrevivência processada nos signos/símbolos da negritude em suas tessituras estéticas? Diante disso, elaboramos o objetivo geral: interpretar como a escrevivência é processada nos poemas “Intolerância” de Cecília Peixoto; “Ser Negra” de Patrícia Anunciada; e “Resistência” de Cristiane Lima, contidos na antologia *Escrituras Negras*, organizado por Jeovânia Pinheiro do Nascimento. E, como objetivos específicos: (a) Apresentar as autoras em estudo e a

² Seriam aquelas produções de antes subalternizados ou ainda não apreciados pelos Estudos Literários, por razões diversas, dentre elas, políticas. Como a discussão é ampla e necessária de uma explicação sobre relações de poder no campo literário, não desenvolvemos aqui tais questões. Porém, nossa pesquisa é um gesto a favor das autorias não-canônicas, com ênfase na poesia de autoria feminina negra. Sobre essas relações de poder, configuração do cânone e outros elementos de políticas de leitura e visibilidade autoral, sugerimos as leituras de Abreu (2006), Dalcastagnè (2012) e Mibielli (2021).

antologia selecionada na nossa investigação; (b) Discutir sobre a noção de escrevivência, no que concerne aos seus aspectos teóricos; (c) Identificar os elementos simbólicos de cunho ancestral na produção das autoras; (d) Demonstrar como os traços estéticos presentes nas autorias focalizadas traduzem a escrevivência.

As obras estudadas são escrituras de cunho feminino negro, partindo da vivência das autoras e refletindo toda uma coletividade indentitária. O conceito de escrevivência está plasmado na escrita poética das autoras em estudo, sendo os dois primeiros poemas: o poema “Intolerância”, de Cecília Peixoto e o poema “Ser Negra” de Patrícia Anunciada, apresentando uma fala, um discurso, um diálogo, que passa a ser usado como base de formação e instrução para apresentar uma realidade, uma vivência feminina. Já no poema “Resistência”, de Cristiane Lima Santos Rocha, durante a leitura notamos rimas, ritmo e um sentimento de que estamos ouvindo uma música, não apenas alguém falando sobre algo, sem se preocupar com metrificacão, versificacão etc. Os três poemas se aproximam devido à abordagem de uma mesma temática, apenas na forma estrutural se distanciam.

Para fomentar nossa leitura interpretativa, utilizamos outros autores que serviram de base e que enriqueceram nossa pesquisa e contribuíram para o nosso entendimento sobre a escrevivência. Dessa forma, foram utilizados o artigo de Alencar (2021) que trata da “A Escritura, a Escrevivência, a Invençãõ a Poema”: Performances e Decolonizaçãõ nas Gramáticas Culturais de Coletivas de Poetas Periféricas”, que busca por meio de metodologias simétricas a valorizaçãõ da vida e resistênciã visãõ a transformaçãõ social atravêõ da horizontalidade, da colaboraçãõ entre saberes populares e acadêmicos. Usamos o livro *Vivendo e Aprendendo a Jogar: Numerologia Fácil*, de Azevedo (2001), que tem por principal objetivo oferecer ao leitor ferramentas para estudo da numerologia, no qual dialogamos esse conteúdo com um dos poemas. Ainda, utilizamos Viciniescki (2020) que nos apresenta uma análise sobre a experiênciã concreta de Evaristo Conceiçãõ sobre o local da mulher na academia. Do ponto de vista da leitura verticalizada dos poemas, nos orientamos em Candido (2006) em seu livro *O Estudo Analítico do Poema*. Como nosso trabalho trata sobre a escrevivência, bebemos da fonte, e acrescentamos na fundamentaçãõ teórica os conhecimentos de Evaristo Conceiçãõ com o ensaio intitulado por “Literatura Negra: Uma Poética de Nossa afro-brasilidade”, que aborda reflexões no tocante ao texto literário negro, em como pensar, fazer e veicular esses textos. Em suma, somamos ao nosso trabalho o artigo que parte do lugar de fala das escritoras fazendo uma reflexãõ para discutir como é utilizada a literatura enquanto mecanismo de luta e resistênciã por mulheres negras, efetuado por Soares e Jorge (2020).

A metodologia desenvolvida, como pondera Gil (2002), é qualitativa de base bibliográfica, ou seja, realiza interpretaçãõ de textos, com base em postulados críticos. Também, como já anunciado, metodologicamente, a pesquisa está baseada no estudo analítico do poema cujo principal autor que orienta é Antonio Candido (2006).

O nosso Trabalho de Conclusãõ de Curso é dividido em cinco partes. Sendo a primeira, as Considerações Iniciais composta pela inquietaçãõ que levou a construçãõ de nossa pesquisa, os objetivos e de resolver a problemática. Em seguida, teremos nossa segunda parte, a qual é a apresentaçãõ da antologia *Escrituras Negras - A Mulher que Reluz em Mim*, com o propósito de uma breve apresentaçãõ da obra e das três autoras dos poemas analisados. Na terceira parte, teremos uma breve noçãõ a respeito de Escrevivência. Na quarta, apresentamos nossas análises de cada poema com as devidas ponderações em cada verso e depois uma análise comparativa, destacando o que se aproxima e se distancia nos poemas mediante a escrevivência. Finalizando o trabalho, nas considerações finais, retomamos o fio condutor da pesquisa, buscando apresentar nossa síntese em relaçãõ ao trabalho, mediante nossa questãõ de pesquisa. Apontamos, ainda, a relevância para outros estudos, no tocante à

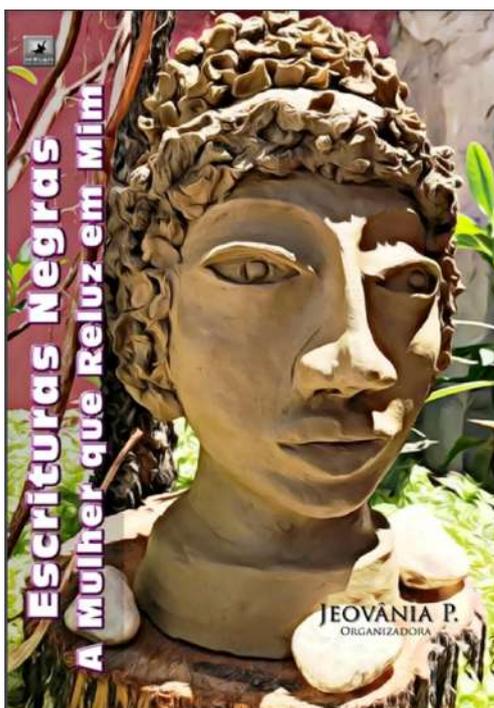
escrevivência, deixando assim evidente a importância dos estudos sobre as escritas de mulheres negras para os professores, estudantes e acadêmicos.

2 APRESENTAÇÃO DA ANTOLOGIA *ESCRITURAS NEGRAS – A MULHER QUE RELUZ EM MIM* E DAS AUTORAS SELECIONADAS PARA NOSSA PESQUISA

2.1 *Escrituras negras – a mulher que reluz em mim*

Publicado no ano de 2020, pela Editora Ixtlan, o livro nos apresenta produções como: contos, crônicas e poemas impregnados com a vivência de suas autoras. Eles enaltecem as mulheres negras e as transexuais nordestinas como fonte histórica na perspectiva de resgatar o valor histórico-cultural e a fomentação da resistência e símbolo feminino negro para contribuição na literatura brasileira. Descendentes de escravos/as essas autoras, por meio deste livro, ganham voz e perpetuam a sabedoria ancestral. Suas escritas dão vida a personagens, denunciando o racismo multiforme e o preconceito étnico-religioso, afirmando sua negritude, exaltando suas divindades, codificando suas lutas, conquistas e desamores por meio da escrevivência que outrora foram silenciadas.

Figura 01: Capa da antologia *Escrituras negras - a mulher que reluz em mim*



Fonte: Dados da pesquisa (2023)

A capa dá ênfase a uma escultura de argila, onde uma cabeça feminina foi esculpida com características africanas, desde a representação do cabelo crespo até o nariz redondo e a boca com lábios grossos. Essa representação visual, realizada em cerâmica, foi produzida pela artista plástica Betânia Lira. Percebemos que a representação do preconceito com o cabelo crespo, ondulado ou cacheado é descrita logo no início da crônica intitulada “Cabelação” de autoria da Fátima Soares, localizada na página 42. A capa também revela a luz solar que ilumina a escultura, corroborando a ideia de que a mulher é retratada de forma mais ampla, como o próprio título do livro afirma. Dessa forma, a antologia é percebida de forma mais ampla do que a construção interna. É como se a imagem da mulher negra e transexual

expressasse a sua essência, pois a escrita no interior do livro se manifesta na imagem de sua capa. Em outras palavras, é possível se ver e sentir como uma mulher negra e transexual.

Como propósito de valorizar e dar visibilidade às escritas negras femininas e transexuais, a obra é composta com outras autoras que assim como Fátima Soares, compõem sua tessitura estética: Anajara Tavares, Jade Mariam Vaccari, Sheila Martins, Alessandra Sampaio, Ana Paula Campos, Andreia Souza, Elisa Mattos, Mirian Santos, Cecília Peixoto, Cristiane Lima, Helena Monteiro, Isabete Fagundes Almeida, Janaína Nery, Jéssica Rodrigues, Jeovana P. (Organizadora da antologia), Juliana Santos, Mara Farias, Patrícia Anunciada, Patrícia de Paula Aniceto, Shirley Pinheiro e Bethânia Lira.

2.1.1 Sobre a organizadora: Jeovánia Pinheiro do Nascimento

Figura 02: Retrato de Jeovánia Pinheiro do Nascimento



Fonte: Conhecendo (s/d)

A organizadora da antologia investigada é Jeovánia Pinheiro do Nascimento. A poeta possui, do ponto de vista de sua formação, licenciatura em Filosofia e em Letras, pela UFPB. Além disso, possui Especialização em Educação Financeira, pela mesma instituição. Profissionalmente, é professora de Filosofia da rede estadual de ensino da Paraíba. Literariamente, possui participação em diversas antologias e concursos, logrando, inclusive, o 1º lugar no I Concurso Literário de Contos dos Estudantes da UFPB, no ano de 2006, e no I Concurso Poético Performático da SAMBA, Natal/RN, no ano de 2011. Suas publicações individuais são: *Palavras Poéticas*, do ano de 2016; *Poeticamente Entre Versos & Bocas*, *A-M-O-R*, *Quem abriu a boca da pedra? Re[s][x]istência*, ambas do ano de 2019; *Na estrada da poesia* (2021) e *Olhar* (2021).

2.1.2 Sobre a poeta: Cecília Peixoto da Silva

Figura 03: Retrato de Cecília Peixoto



Fonte: Conhecendo (s/d)

Tem formação na área de Humanas e Exatas, é licenciada em Pedagogia e Matemática, bacharela em Ciências Contábeis e em Direito. Além disso, possui formação em Educação de Jovens e Adultos (EJA) e Pós-Graduação em Educação Matemática, pela UFBA. Cecília, ainda, fez o Curso de Extensão em Formação para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira. Baiana, natural de Salvador/BA, professora/educadora, foi criada pela avó que durante o pentear do cabelo dela para fazer a trança de Nagô, lhe contava histórias (sua avó não sabia ler e nem escrever). Suas produções estão também publicadas no *blog* do Correio Nagô, Jornal Ébano e nas Redes Sociais do Instituto Hori. Teve participações pela Cogito Editora do *Mulher Poesia – Antologia Poética* e pela mesma editora da *Antologia Poética Internacional*, v. II (2015); v. III (2017) e v. IV (2019). Participou, ainda, da *Coletânea Artista e Poeta (Brasil/Itália) 3ª Edizione – Eclettica World Brasil*. De acordo com informações contidas na obra *Escrituras Negras: A Mulher que Reluz em Mim*, Cécilia é professora da rede pública estadual, integrante do Coletivo Angela Davis (FACED/UFBA) e do Núcleo Poesia e Arte do Movimento das Sete Mulheres e Conselheiras do Instituto Hori – Educação e Cultura.

2.1.3 Sobre a poeta: Patrícia Anunciada

Figura 04: Retrato de Patrícia Anunciada



Fonte: Conhecendo (s/d)

É graduada em Letras pela PUC-SP. Isso lhe auxiliou a se identificar como mulher negra e foi na sua formação que percebeu a invisibilidade das mulheres negras. Colaborou, desde 2015, com as Blogueiras Negras e se tornou pesquisadora de literatura negro brasileira.

Outras informações que conseguimos na obra *Escrituras Negras: A Mulher que Reluz em Mim*, nos mostra que Patrícia é mestranda em Literatura pela Unifesp. Além disso, é professora na educação básica da rede municipal de São Paulo. Tem um canal chamado “Letras Pretas”³, no qual divulga dando visibilidade a obras que se adequem à lei 10.639, que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira. Participou da antologia “O Feminino na Poesia: Antologia Poética de Professoras Poetas”.

2.1.4 Sobre a poeta: Cristiane Lima

Figura 05: Retrato Cristiane Lima



Fonte: Conhecendo (s/d)

Assim como Cecília Peixoto, Cristiane é natural de Salvador/BA. Possui licenciatura em História e trabalha como professora, na Educação Básica, pelo Estado da Bahia no Município de Salvador em um bairro conhecido por Cajazeiras. Em seu acervo poético, possui escritos que evocam a consciência ancestral advinda da oralidade de sua avó, com quem morou, que lhe contava histórias, isso no período em que residiu em Muritiba no Recôncavo Baiano. Através de seus poemas: “Arlinda” e “Cajazeiras Guerreira” fez participação na obra *Afluentes Poéticos* (2018). É autora do livro *Moderna, mas honrada: moralidade de honra sexual em Feira de Santana 1940 – 1960* (2018). Organizou a coletânea *Bahia das Mulheres: histórias, saberes, práticas, olhares* (2020). Essas informações foram coletadas do livro *Escrituras Negras: A Mulher que Reluz em Mim*.

3 ESCRIVIVÊNCIA: ASPECTOS GERAIS

O sistema escravocrata e machista ainda persiste com suas ramificações compostas por paradigmas, preconceitos e conservadorismo, acarretando assim uma cultura onde a figura masculina é vista como superior à feminina, tal como pondera Ferreira (2022), quando focaliza na sua discussão sobre o relacionamento entre mulher e literatura. Isso se intensifica quando se trata de mulheres negras, que buscam há séculos sair do imaginário sexual e imposição social a que foram colocadas como seres inferiores, sem voz, sem expressão, sem necessidades humanas, comparadas a animais. Buscamos, diante disso, evidenciar a escrita

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/@letraspretas3854>

feminina negra, a luz do conceito trabalhado por Conceição Evaristo, a Escrevivência. Segundo essa autora:

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. (EVARISTO, 2020, p. 11).

Portanto, o presente conceito visa demonstrar, a partir do olhar e do sentir da mulher negra, a sua crença, sua origem, sua cultura, seus amores, suas lutas e conquistas. Atividade de resistência que vai contra os escritos/discursos dos escravocratas. O contexto em que as mulheres negras estão inseridas em sua maioria compreende, atualmente, a periferia. É desse ambiente multifacetado que o uso da palavra é para Alencar (2021) como uma ação para “[...] subverter o sexismo na língua, [...] de modo interseccional, trazendo as questões de raça e classe social em articulação com as pautas de gênero e sexualidade [...]”. É no protagonismo de caminhar com as letras que as mulheres negras se ressignificam e dão notoriedade a outras minorias que sofreram e sofrem com paredões de sexismo e branquitude em todas as ramificações da sociedade brasileira. Desfazer tudo o que foi construído em desfavor da mulher negra, se torna um ato de coragem e de conquista, bem como, de luta por um lugar historicamente negado.

Na busca de evidenciar produções femininas negras, trazendo à tona suas vivências individuais e coletivas por meio da escrevivência em poemas com representatividade de gênero e raça, classe social, religiosidade e ancestralidade, percebemos uma reconhecimento da mulher negra que produz literatura. Antes, tida como um sujeito silenciado e não-atuante social e literariamente. Nesse sentido, Soares e Jorge (2020) afirmam que: “O movimento para dar visibilidade a textos literários de mulheres negras é fundamental para desconstruir o discurso dominante e para o reconhecimento das potencialidades femininas negras.” (SOARES; JORGE, 2020, p. 27). Nesse sentido, a antologia das *Escrituras negras*, com os poemas aqui investigados contribui para esse cenário.

A mulher negra, contemporaneamente, deixa de ser representada como um “outro” e constrói seu próprio reflexo, assim como a citação acima nos mostra que existem potencialidades, uma delas é a escrevivência que é a alma deste trabalho. Viciniescki (2020), apresentando Conceição Evaristo, esta que é criadora do conceito “Escrevivência” como sendo de suma importância para desfazer o imaginário social a respeito da mulher negra, como dito abaixo, indica:

Conceição Evaristo ao representar a mulher negra no âmbito literário e acadêmico traz visibilidade e acelera os resultados do processo de emancipação da mulher negra, além de ser fundamental para representar as mulheres de forma geral na academia. (VICINIESCKI, 2020, p. 07)

Nesse viés, a escrevivência perpassa nos signos/símbolos da negritude em sua tessitura estética impregnada pela sabedoria cotidiana vivenciada por suas autoras e não sendo construída a partir da ótica do colonizador. Assim, o poema, esse campo para criações diversas com a palavra, é propício para a reconfiguração de sentidos, de denúncia, de reflexão sobre a situação, as memórias, as escrevivências da mulher negra.

Ressaltamos que a escrevivência, para Alencar (2021), tem o sentido de denúncia e de anúncio, reforçando a perspectiva de potencialidades nas produções literárias de mulheres negras e o seu empoderamento. Não vamos nos aprofundar nos sentidos apresentados por Alencar (2021), mas apresentamos ao longo das análises dos poemas a existência formas de escrevivência das respectivas autoras.

Pensar na escrevivência, ainda, é um modo de lançar luz sobre a realidade de muitas mulheres afrodescendentes. O tratamento análogo à escravidão ainda é uma realidade na vida de muitas no Brasil. Escrever é dar voz e vez a pessoas escravizadas no tempo atual. Um exemplo a se refletir é o da senhora Madalena Santiago de 63 anos, que trabalhou por 53 anos em uma casa de família branca. Neste lugar sofreu ameaças, violência psicológica, foi impedida de ter uma interação maior com outras pessoas, de sair da casa onde trabalhava, impedida de formar família, por muitos anos vivendo submissa. Esse caso foi exibido pelo Repórter Record Investigação, publicado no canal do YouTube em 07 de abril de 2023⁴. Na sua trajetória, ela passou a não se ver com direito de receber um abraço por se sentir suja, com medo de ser xingada e de ser chamada de preta/nega ela não utiliza transporte público. Seus empregadores não lhe pagavam um salário, a senhora Madalena não tinha férias, sempre era diminuída e silenciada por ser uma mulher negra. Ao ser expulsa da casa onde viveu aprisionada e obrigada ao trabalho análogo à escravidão, saiu apenas com seu documento (RG). Ela foi para a casa de sua única amiga com quem teve pouco contato, a Dona Aída Costa, onde foi acolhida e passou a ser vista e tratada como humana. A sua amiga, Aída, foi o ponto de partida para a senhora Madalena iniciar seus passos rumo à superação da opressão sofrida por muitos anos. A importância de refletir sobre fatos como esse possibilita evidenciar a necessidade de lutar contra uma sociedade racista, preconceituosa, machista e homicida. O aspecto literário da escrevivência, no tônico poético, potencializa vozes silenciadas, como a da senhora acima relatada. A partir de realidades de muitas mulheres negras que se pode formar o pensamento e sentimento de resistência transcrita em suas escrevivências com intuito de registrar e ressoar suas vozes.

Em suma, é na escrevivência que se mescla nos poemas, formas de apresentar a negritude escritas por mulheres negras ao mesmo tempo que se aproximam e se afastam na forma de expressar. Desse modo, temos as autoras Cecília Peixoto e Patrícia Anunciada trazendo em seus poemas a fala como objeto enunciativo e convocador carregados pelo sentimento de orgulho de ser negra. Além disso, enfatizam o empoderamento e a valorização da memória de sua ancestralidade e religiosidade, bem como, denunciam a intolerância religiosa, o sofrimento pela servidão dos ancestrais, a estereotipação, o racismo institucionalizado e outras formas de racismo. A autora Cristiane Lima já aborda a temática como se estivesse cantando, atribuindo à palavra um sentido de alimento que nutre novas palavras e gera poesia de escrevivência negra feminina. Assim utiliza de rima para dar um movimento na leitura diferente dos poemas anteriores que utiliza a rima para dá ênfase a uma fala, um discurso, um ritmo melódico que não se apresenta como uma fala, mas como um cântico de saudação à ancestralidade e enaltece o reflexo de negritude que baseada em vivências se transforma em insumo para seu poema. Por tanto, os três poemas mostram assim as inúmeras possibilidades plasmadas na escrevivência e a flexibilidade de refazer-se sempre durante o diálogo do leitor com a poesia.

4 A ESCRIVIVÊNCIA DE CECÍLIA PEIXOTO, PATRÍCIA ANUNCIADA E CRISTIANE LIMA

Desenvolveremos uma análise para cada poema a seguir, considerando os aspectos que constroem a escrevivência processada nos signos/símbolos da negritude em suas tessituras estéticas. A escolha dos poemas em questão foi feita considerando a intolerância religiosa como ponto de partida, em sequência a mulher negra e sua subjetividade e, por fim, a memória ancestral como herança. Diante disso, a análise foi desenvolvida em alguns versos, trazendo assim nossa interpretação sobre a escrevivência de cada autora e contribuições de autores que auxiliará no entendimento de nossa interpretação.

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=j2vcpfm5BFc>. Acesso em 13 maio 2023.

4.1 O Desabafo e o Reconhecimento: “Intolerância”, de Cecília Peixoto.

INTOLERÂNCIA

Hoje por vergonha ou medo
 não nego minha religião
 Os conhecimentos dos meus
 valores étnicos dispensam sua
 opinião.

Meus dogmas resplandecem em toda natureza
 Nas matas, arco-íris, raios, nas águas em correnteza.

A ancestralidade pulsa em minhas veias, transpôs o oceano.
 Sobreviveu nos corpos sofridos dos meus descendentes
 africanos.

Herança, pertencimento, sentimento, valorização de uma
 escolha.
 Que habita no fogo, no ar, na terra, na água, nas folhas.

Não importa em que você acredita, filosofia de vida, ou crença
 Não lhe é permitido julgar, emitir críticas, proferir ofensa.

A fé não escolhe lado, ela só tem um caminho, o sagrado!
 Religião não é via de mão única apenas para reproduzir textos
 decorados.

Entre nós não há espaços para exércitos armados de:
 Empáfia
 Imposição
 Desconhecimento
 Servidão
 Intolerância?
 Racismo religioso? Não!!

(PEIXOTO, 2020, p. 50-51)

Em seu poema intitulado por “Intolerância”, o eu-lírico de Peixoto (2020) denuncia a falsa democracia religiosa existente no Brasil que perdura desde a colonização. Os que mais sofreram e ainda sofrem são os povos originários e os povos africanos. Os colonizadores ignoravam tudo que vinha da realidade desses povos, fazendo desses seres humanos ferramentas de trabalho escravo. Toda a crença religiosa desses povos foi assassinada, queimada, silenciada e demonizada. Sobre isso, indica Nogueira (2020):

A verdade é que o Brasil, como sociedade ocidental, não nasceu como uma democracia religiosa. Não é necessário que se vá muito longe na história do nosso país para entender que a intolerância religiosa e a farsa da laicidade têm como origem o colonialismo. Desde a invasão pelos portugueses, a religião cristã foi usada como forma de conquista, dominação e doutrinação, sendo a base dos projetos políticos dos colonizadores. (NOGUEIRA, 2020, p. 08).

A religião dominante sempre foi a dos colonizadores que bestificaram outros povos e os escravizaram, tirando-os de seus lares para servir na colônia. Os versos: “A ancestralidade pulsa em minhas veias, transpôs o oceano. / Sobreviveu nos corpos sofridos dos meus descendentes / africanos.” (v. 08-10), nos mostram de onde vem sua ancestralidade e os elementos que compõem sua religião.

Assim como seus ancestrais ultrapassaram forçosamente o oceano, não deixaram para trás a sabedoria e sua essência composta por sua fé, regida pela natureza. O tempo não conseguiu conter, o colonizador não conseguiu conter, a crença católica apostólica romana, não conseguiu conter o que transborda nas veias dos descendentes africanos, como assim se orgulha o eu lírico, nos versos: “Não importa em que você acredita, filosofia de vida, ou crença / Não lhe é permitido julgar, emitir críticas, proferir ofensa. // A fé não escolhe lado, ela só tem um caminho, o sagrado! / Religião não é via de mão única apenas para reproduzir textos / decorados. (v. 14-18). Esses versos demonstram que independente do que acreditamos ou não acreditamos, o farol que nos guia é a nossa crença. Fica assim a noção de que as crenças e filosofias de vida estão para além do religioso. A harmonia entre os/as que são laicos/as e os que seguem alguma religião deveria existir, renunciando a julgamentos, críticas e ofensas a respeito de uma ideia e do pensamento em que uma religião é melhor que a outra. O eu-lírico aponta o caminho dessa harmonia, o sagrado, sem as limitações possíveis de uma denominação religiosa.

É, também, na escrita que mulheres como Cecília Peixoto podem se reafirmar como seres com potência de emissão, a mulher que fala, e não apenas amas de leite, objeto sexual e de procriação, como pondera Evaristo (2020). Nas palavras da autora:

E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. (EVARISTO, 2020, p. 30).

Nos versos das duas primeiras estrofes do poema, “Hoje por vergonha ou medo/ não nego minha religião/ Os conhecimentos dos meus/ valores étnicos dispensam sua/ opinião./ Meus dogmas resplandecem em toda natureza/ Nas matas, arco-íris, raios, nas águas em correnteza.” (v. 1-7) a marca da oralidade é símbolo da resistência cultural e religiosa, que foi guardada na memória dos ancestrais e continuada nos seus descendentes como raízes genéticas e como as águas do mar que unifica tudo que está acima dele e a baixo. É a apropriação dos signos gráficos que dá possibilidade de libertação e o sentimento de retorno para os braços maternos representados nas lembranças lidas e/ou escritas. O ato de contar histórias, fatos, cantar uma canção, explicar como construir, ensinar a receita e/ou criar receitas, narrar acontecimentos, oralmente se tornam a pujança da sabedoria transmitida sucessivamente se mantendo viva na escrevivência, na oralidade e na religião.

O orgulho de escolher ser, viver e acreditar naquilo que é seu, por herança, mostra o quanto a autora valoriza e se dedica em fazer brilhar e ressoar sua ancestralidade. Isso aponta o modo por o seu eu-lírico traduz a escrevivência que, ao mesmo tempo, em que traz suas experiências, visa reverenciar os orixás nos versos: “Herança, pertencimento, sentimento, valorização de uma / escolha. / Que habita no fogo, no ar, na terra, na água, nas folhas.” (v. 11-13). Neles, é enaltecida sua religião que busca a coexistência entre o homem e a natureza, mais uma vez demonstra que a crença vai além da religião.

A autora utiliza de rimas em pares, no final de alguns versos, ou alternadamente no texto (v. 06-07; 12-13; 14-15), fortalecendo a ideia central de seu poema, fazendo com que ao final de cada verso ou alternância se ligue e se mantenha ressoando na mente do leitor.

No verso 08, a palavra “ancestralidade” é mencionada como um símbolo de uma diáspora, pois remete à memória de onde os seus ancestrais vieram e continuaram a habitar o Brasil. O ritmo ancestral está presente em suas veias, como se o seu sangue fosse as águas do mar em movimento, como ondas que percorrem as encostas e os trazem de volta ao centro. Como uma analogia às ondas do oceano que se propagam para as encostas mais distantes, formando praias e retornando ao centro num movimento constante, como se a memória estivesse avançando para lugares distantes no subconsciente de quem ler o poema.

Quando a autora afirma que sua ancestralidade atravessou o oceano, percebemos que, assim como uma semente levada pelo vento para outras terras, a sabedoria e a herança genética ancestral também se tornam semente e germinam além do oceano, mas não deixam de ser parte, de sua origem (terra natal), daquela “flor enraizada” no verso 10 que Cristiane Lima cita em seu poema “Resistência”, da obra *Escrituras Negras: A Mulher que Reluz em Mim*, onde ela usa a poesia baseada na vivência de outras pessoas e na sua para alimentar e nutrir a sua.

Também, a interpretação do verso “Sobreviveu nos corpos sofridos dos meus descendentes / africanos.” (v. 09-10) pode sugerir a fala de volta ao passado como se fosse um/a ancestral estivesse falando da resistência que seus descendentes mantêm no presente. Percebe-se que um sentido de continuidade, em que o passado, o presente e o futuro são uma coisa só. Quando os/as ancestrais falam através da boca e da codificação escrita de seus descendentes ocorre o fluxo histórico da sabedoria que em movimentos de ir e vir dela, se mantém viva.

A escrevivência parte da oralidade do dia a dia, é uma construção de verbos coletivos que forma a escrita individual representativa, não se preocupando com formas fixas de estruturas gramaticais, mas com intencionalidade. A marca da oralidade está na estrofe do poema em questão, onde Peixoto (2020) denuncia que:

Entre nós não há espaços para exércitos armados de:
Empáfia
Imposição
Desconhecimento
Servidão
Intolerância?
Racismo religioso? Não!!

(PEIXOTO, 2020, p. 50-51)

Observamos que a estrofe é longa e não separa as palavras com vírgula. A autora as colocou termos um abaixo do outro, trazendo a verticalização de um sentimento (v. 20); atitude (v. 21); uma condição abstrata (v. 22), a ausência de buscar informações que leva à falta de conhecimento; o resultado de uma aristocracia (v. 23); duas perguntas (v. 24) e (v. 25); e um “Não!!” (v. 25) que nos sugere o protagonismo de seu próprio destino negando ao que predomina a sociedade brasileira sobre a intolerância e o racismo religioso.

Com outro olhar sobre os versos citados no parágrafo acima, nos é apresentada uma lista de palavras-armas que estão impregnadas na nossa sociedade, a maioria das pessoas ainda usa dessas palavras-armas para alimentar o ódio, a intolerância e o racismo religioso. A resposta para essas palavras-armas é a resistência com um enfático substantivo masculino “Não!!” deixando assim o sentimento de libertação do falar, a fala é tomada das mãos do colonizador e a autodefinição e identificação se faz possível pela mulher negra com sua própria perspectiva.

Em seguida, teremos outro poema da antologia estudada, que além do grito de desabafo, de pedido de respeito e de luta contra a intolerância religiosa abordados pela ilustríssima Cecília Peixoto, nos mostrará a negritude a partir da escrevivência de Patrícia Anunciada.

4.2 Descrição de Vidas: “Ser Negra”, de Patrícia Anunciada

SER NEGRA

É ter uma herança ancestral
 Ser descendente do berço da
 humanidade
 Ser herdeira da opressão,
 Da desigualdade, da
 bestificação
 É resistir diariamente
 À estereotipação
 Ao preconceito velado
 Ao racismo institucionalizado
 Ao lugar reservado no porão da sociedade
 É ter consciência de sua negritude
 Da necessidade de afirmar-se
 De romper com os grilhões invisíveis
 Da escravidão atual disfarçada
 Em falta de oportunidades
 Ser negra é negar-se à resignação
 É lutar por igualdade, respeito e dignidade
 É manter-se íntegra e não sucumbir
 Ao racismo impregnado na sociedade

(ANUNCIADA, 2020, p. 81-82)

O título do poema, que indubitavelmente interliga o “Intolerância”, de Cecília Peixoto, com o “Resistência”, de Cristiane Lima Santos Rocha, haja vista trazer definições do que é ser negra mediante o olhar de vivência de sua autora, já traz a figura da mulher negra como peculiaridade de um povo que compõem a miscigenação da nossa nação brasileira. O poema não tem ponto final, sugerindo infinitas definições do que é “Ser Negra”, é nesse sentido que os três poemas se complementam, sendo o poema “Ser Negra” centro dessa tríade de escrituras negras.

De acordo com Anunciada (2020) “Ser Negra” é descender de uma ancestralidade diretamente da origem da humanidade e não de herdar o que fora roubado da ancestralidade, como se percebe nos versos: “É ter uma herança ancestral / Ser descendente do berço da / humanidade” (v. 01-03). O eu-lírico expressa, por meio da pigmentação da pele, sua digital africana, filha do “berço da humanidade” (v. 02), porém, mesmo assim, sofre constantemente com o racismo. Mediante isso, o poema nos faz refletir sobre como a história nos foi contada, como o Brasil foi realmente formado no âmbito político, econômico, educacional e social. Endossando essa reflexão, Wedderburn (2005) afirma que “[...] o campo da análise histórica é o lugar privilegiado da produção e da proliferação da mais perigosa aberração produzida pela mente humana - o racismo, com seus múltiplos derivados ideológicos (religiosos ou laicos)”. (WEDDERBURN, 2005, p. 05). Embora nossa leitura não seja, eminentemente, historiográfica, temos lastro no discurso da história, nos indícios de suas tramas, para entender os processos literários das autoras aqui investigadas. O controle da narrativa histórica pode levantar cânones e tecer subalternizações. É no sentido de “desler” esse discurso que as autoras promovem suas denúncias, tal como a feita aqui por Patrícia Anunciada, contra o racismo. Sobre ele, a dor é cruciante para quem o sofre. Pois, além de ser estereotipado/a em narrativas ficcionais como seres sem fala ou de fala incompreendida, sendo motivo de piada, objeto sexual, ser despossuidor/a de cultura/história e limitado/a em reproduzir o que o homem branco efetua e fala.

Para uma melhor compreensão sobre ser negra, a autora define no verso 04 a opressão como herança, uma vez que seus antepassados foram escravizados: “Ser herdeira da opressão,” (v. 04). A opressão passou a ser o sol da manhã, as estrelas e a lua da noite na vida deles, deixando assim por imposição do colonizador e de um sistema social vigente, uma herança de opressão que se transformou e ganhou roupagens novas. No verso seguinte, “Da desigualdade, da” (v. 05), a herança da dessemelhança em todos os aspectos humanos,

mantendo a ideia de tratar a pessoa negra como no verso 06, “bestificação” (v. 06), atribuindo sentido de animais e, por isso, desmerecedores do tratamento de igualdade dado ao homem branco. Utiliza-se de termos que mostram a realidade vivenciada por negras e negros numa sociedade de grande desigualdade.

Algumas perguntas são respondidas pela autora, pois, sua escrevivência é a definição do ser. A autora refere-se a figura feminina negra na sua realidade social, considerando todos os desafios que a mulher negra enfrenta diariamente nos versos: “É resistir diariamente / À estereotipação / Ao preconceito velado / Ao racismo institucionalizado / Ao lugar reservado no porão da sociedade” (v. 07-11). Além de resistir e herdar, a mulher negra, também passou a ser ativa, detentora do conhecimento e valorizar a si e ao coletivo, como podemos ler nos versos: “É ter consciência de sua negritude / Da necessidade de afirmar-se / De romper com os grilhões invisíveis / Da escravidão atual disfarçada / Em falta de oportunidades” (v. 12-16). Salientamos que as amarras impostas pela sociedade capitalista e de domínio do homem branco ainda persistem dentro de algumas casas onde as mulheres negras são empregadas domésticas. Além disso, elas estão nas comunidades de periferia, nos protestos contra as tentativas de acabar com as cotas para entrar nas universidades públicas, nos olhos esnobes de algumas pessoas brancas. Os grilhões deixaram de ser e passaram a para o campo extrafísico com uma ideia e/ou uma atitude. No verso 17, “Ser negra é negar-se à resignação” (v. 17), o eu lírico de Anunciada aponta para o domínio do seu próprio destino, se colocando como construtor do futuro e não sendo apenas massa de manobra.

Pautados nesse raciocínio, entendemos a mulher negra como uma guerreira que suporta tudo e se mantém de pé, não buscando ser melhor e/ou superior, mas ser aceita como ela é. Sobre isso, aponta Ferreira (2020): “Com efeito, surge uma audácia da mulher em não se calar na procura de apoderar-se do seu campo criativo, sem aceitar ser subordinada, fazendo valer toda construção de si, em não reprimir e lutar pela busca de evidência e visibilidade de sua voz” (FERREIRA, 2022, p. 13). É ter consciência de seu lugar na sociedade enquanto mulher negra e de representar as mulheres negras que não conseguiram ser ouvidas.

Partindo da sua visão de mundo, o eu lírico expressa nos versos finais: “É lutar por igualdade, respeito e dignidade / É manter-se íntegra e não sucumbir / Ao racismo impregnado na sociedade” (v. 18-20). Isso demonstra a luta em manter-se íntegra numa sociedade onde o racismo está impregnado desde sua criação, sua voz se torna a voz de muitos/as que assim como ela convivem e sobrevivem no Brasil contemporâneo.

Os dois poemas até então analisados, “Intolerância”, de Cecília Peixoto, e “Ser negra”, de Patrícia Anunciada, nos mostram os dramas, o resgate histórico e cultural, a oralidade mantida na memória e se materializa na escrevivência de autoras negras. Continuamente, a seguir verificaremos o poema “Resistência”, de Cristiane Lima, que canta para o leitor a composição de sua escrevivência baseada na oralidade vinda dos verbos de outras tantas mulheres negras. A expressão poética se constitui com um ritmo que embala inúmeras interpretações e que teve sua avó como fonte de conhecimento fundamental para suas produções escritas. Observamos que o poema de Patrícia, assim como no próximo, suas palavras podem apresentar outras interpretações com base em sua realidade, por tanto possibilitando a identificação e/ou o reencontro do/da leitor/a consigo mesmo/a e até encontrar uma história que se assemelha com a sua.

4.3 Sabedoria Ancestral: canção de Liberdade em “Resistência”, de Cristiane Lima Santos Rocha

RESISTÊNCIA

Quero nutrir minha poesia
Com vivências temperadas por tambores de sabedoria

Quero alimentar minha poesia
Em tributo à raiz com vibrantes energias

Quero nutrir minha poesia
De beleza preta destemida e sem alegorias

Quero alimentar minha poesia
Dissolver a conspiração da luta de todo dia

Quero alimentar minha poesia
Em homenagem à flor enraizada
Resistência que me guia.

(LIMA, 2020, p. 56)

Os títulos dos poemas apresentam facetas com uma tonalidade empírica, contribuindo assim para seu entendimento e abrindo possibilidades de significação. O título “Intolerância”, de Cecília Peixoto, representa o desafogar-se de imposições dos colonizadores e o silenciar das manifestações referentes ao que é sagrado para o colonizado/escravizados. Quanto ao poema “Ser Negra”, de Cristiane Lima, é o título que sugere a definição e o orgulho de ser quem é (mulher negra), o símbolo de um povo que resiste ao tempo e aos infortúnios. Sobre o terceiro texto selecionado da antologia estudada, temos o poema chamado “Resistência”, de Cristiane Lima Santos Rocha. O título desse poema induz ao entendimento de uma escrita como anseio rítmico por usar a palavra oralizada, ou seja, por registrar na escrita tudo aquilo que lhe for dito em conversas, canções, histórias etc. Contribuindo assim com um processo de materialização de escrevivências que representa a individualidade e coletividade. Observando a ausência de pontuação no corpo do poema, notamos que apenas no final a autora coloca o ponto final, sendo assim uma construção de sentidos contínuos, pois as palavras são postas lado a lado sem impedimentos. Outra característica é a oralidade transcrita em uma escrevivência que utilizando aqui uma simbologia, podemos pensá-la, especificamente no texto, como uma célula, se apresenta como o que ocorre na meiose que é um dos processos de divisão celular, levando a quatro novas células “Quero nutrir minha poesia/ Com vivências temperadas por tambores de sabedoria” (v. 1-2). Temos então o tambor como símbolo do ressoar da sabedoria ancestral transmitida oralmente e nutrindo outras formas de resistência como, por exemplo, na escrita dos versos da autora. Um dos sentidos da escrevivência notado é o da multiplicação. Uma vez que reproduz as vivências da autora e de outras tantas mulheres negras, cria e recria novas materializações de vivências na literatura que se dividirá novamente em outras representações. Mas sempre, isso ocorrerá mantendo a hereditariedade genética em evidência, ou seja, por mais que seja ficcionalizada a realidade, o poema tem intencionalidade de mostrar a cultura, a religião, o cotidiano e outros aspectos sócio-históricos.

O título mostra também a insistência, a teimosia de reunir as lembranças e experiências de um povo ancestral, a palavra é para a poesia alimento para resistir ao colonizador e ao tempo. Essa resistência poética enaltece a cor preta que embeleza o homem e a mulher negra e sua vivência da consciência ancestral: “Em homenagem à flor enraizada” (v. 10). Destacamos, também, um tom de afirmação do eu-lírico em desejar nutrir-se de pensamentos, da religiosidade, ideias e qualidades compostas por enredos e interpretações de um povo, notamos isso em “Quero nutrir minha poesia/ De beleza preta destemida e sem alegorias” (v. 5-6). Indo além do poema, podemos notar em nosso país outras contribuições que endossam nossa análise, por exemplo:

Histórias orais, ditados, provérbios, assim como uma gama de personagens do folclore brasileiro, são heranças das várias culturas africanas aqui aportadas e podem ser entendidas como ícones de resistência das memórias africanas incorporados à cultura geral brasileira, notadamente a vivida pelo povo. (EVARISTO, 2009, p. 18)

De acordo com Evaristo (2009), o Brasil apresenta características de herança africana em todos os âmbitos, em especial na literatura que aqui é chamada de Literatura afro-brasileira. Ela acrescenta que embora existam reflexões diversas que reafirmam seu pensamento e que discordam, existe sim um *corpus* literário. Sobre isso, pondera a autora: “E a partir do exercício de pensar a minha própria escrita, venho afirmando não só a existência de uma literatura afro-brasileira, mas também a presença de uma vertente negra feminina” (EVARISTO, 2009, p. 18). Que por sua vez ocupa o lugar de autoria e não de passivas representações estereotipadas.

O notável poema é formado por quatro estrofes de dois versos, sendo assim quatro dísticos e um terceto. Apresenta um vocabulário com palavras de fácil entendimento, ou seja, um léxico que expressa uma variação linguística próxima das camadas populares. Nisso, percebe-se, também, frases de ordem como, por exemplo: “Resistência que me guia” (v. 11). Revelando, com isso, o potencial de autoafirmação.

Pode-se perceber que o número dois é representado nas estrofes 1, 2, 3 e 4, trazendo à tona o sentido peculiar nessa composição. Buscamos explicar isso por meio da numerologia. Sendo assim, de acordo com Azevedo (2001, p. 34) o número dois “Representa a mãe, capaz de gestar, recolher em seu ventre e assimilar. Paciente e sensível, busca sempre a união”, ou seja, o ato de nutrir e alimentar ganha significado de aprender e tornar-se aquilo que se aprendeu para compassadamente reproduzir. A sabedoria intrínseca da escritora, juntamente com as diversas sabedorias que ela ouviu, aprendeu, buscou, se tornou escrevivência.

Na sequência de estrofes temos três linhas que também traduzem o simbolismo da numerologia. Sobre isso, segundo Azevedo (2001), “O 3 representa o relacionamento com o mundo exterior. Após experimentar a individualidade do 1 e a união com o 2, surge a busca da interação social” (AZEVEDO, 2001, p. 35). É evidenciando as escritas negras que possibilitaremos o confronto com diversas realidades, a identificação com as escritas, o reviver emocional de memórias e o retorno em novas escritas, consolidando assim uma interação social.

Durante a leitura notamos que a obra fomenta possíveis marcas da vida de sua autora nos versos “Quero alimentar minha poesia/ Dissolver a conspiração da lua de todo dia” (v. 7-8). Além disso, podemos dizer que isso se estende aos poemas analisados anteriormente neste artigo, uma vez que esta é mulher negra e que sente de forma empírica a necessidade de resistir a uma sociedade machista e branca, ao discurso/prática racista e a representação da mulher negra estereotipada. Portanto, na sociedade brasileira:

Tendo sido o corpo negro, durante séculos, violado em sua integridade física, interdito em seu espaço individual e coletivo pelo sistema escravocrata do passado e, ainda hoje, pelos modos de relações raciais³ que vigoram em nossa sociedade, coube aos brasileiros, descendentes de africanos, inventarem formas de resistência que marcaram profundamente a nação brasileira. (EVARISTO, 2009, p. 18)

O contexto apresentado na citação supracitada evidencia a importância de se estudar poemas de cunho feminino negro, para acrescentar o apanhado histórico e ampliar o acesso a obras riquíssimas e inestimáveis quanto as que analisamos aqui. É estudar o que está próximo a nós, construindo uma escrevivência que possamos refletir e sugerir formas de melhorar a sociedade brasileira e se chegar a uma democracia racial.

Continuando a análise do poema “Resistência”, notamos que na primeira estrofe o eu-lírico traz o tambor como tempero: “Com vivências temperadas por tambores de sabedoria” (v. 02). Esse símbolo nos leva a pensar em um chamado do sobrenatural, como

aponta Chevalier e Gheerbrat (2001) “O tambor africano, evidentemente, invoca a descida dos favores celestes de modo análogo.”, servindo, assim, de ponte para uma ancestralidade, o transporte dos ancestrais e das ancestrais em forma de palavras se dá na escrevivência. O tambor no poema é a palavra e o poema é o tambor, que ressoa o grito de liberdade, o anseio por igualdade, o orgulho de “SER NEGRA”, a ousadia de não se calar e se perceber parte de uma sociedade repleta por uma injustificada “INTOLERÂNCIA”.

A ancestralidade é referendada sempre ao longo do poema. No verso “Em tributo à raiz com vibrantes energias” (v. 04) a autora usa a palavra raiz que traz o simbolismo de retornar ao passado para se fortalecer e não esquecer sua base, de onde veio e o que representa. Ainda nesse verso percebemos o sentido de fixar a identidade cultural como forma de celebração, homenageando seus ancestrais com alegria de ser mulher negra e escrever sobre seu povo.

O desejo expresso no verso “De beleza preta destemida e sem alegorias” (v. 06) em juntar toda produção desenvolvida por negros/negras seria para ampliar mais a produção poética da autora, que diferente de representações alegorísticas feitas pelo homem branco. Com isso, ela cogita condensar em sua poesia a imagem real da negra e do negro e tudo o que faz parte do seu universo.

Nesse ínterim o verso “Dissolver a conspiração da luta de todo dia” (v. 08) trata que para alimentar sua poesia, ou seja, para ampliar seus conhecimentos e assim produzir mais poesia a autora busca incansavelmente dissipar a necessidade de planejar como sobreviver todos os dias. Historicamente, é negada a cultura negra, a identidade negra e, por esse motivo, que a busca diária em se afirmar e se colocar como ser humano detentor de cultura e espaço, compreende um esforço contínuo.

Os versos “Em homenagem à flor enraizada” (v. 10) e “Resistência que me guia.” (v. 11) concluem o poema com a necessidade de produzir poesia para homenagear o passado e manter o nosso presente ligado à ancestralidade. A flor enraizada (v. 10) simboliza os espaços sendo ocupados pela mulher negra, tais como na política, na cultura, na literatura, no desenvolvimento econômico, na elaboração e luta pela garantia de direitos, bem como, outros espaços que constituem a sociedade brasileira.

4.4 Entre as escrevivências poéticas, as encruzilhadas

As obras estudadas são escrituras de cunho feminino negro, partindo da vivência das autoras e refletindo toda uma coletividade identitária. Herdeiras da sabedoria advinda do “Berço da Civilização”, a África, lugar de onde os seus ancestrais foram trazidos, escravizados, violados, torturados, humilhados, inferiorizados, bestificados, silenciados, encarcerados, acorrentados, traficados, abortados e assassinados.

O conceito de escrevivência está plasmado na escrita poética das autoras em estudo, sendo os dois primeiros poemas, “Intolerância”, de Cecília Peixoto, e o poema “Ser Negra” de Patrícia Anunciada. Eles apresentam uma fala, um discurso, um diálogo, que passa a ser usado como base de formação e instrução para apresentar uma realidade, uma vivência feminina. Diversamente, em “Resistência”, de Cristiane Lima Santos Rocha, durante a leitura notamos rimas, ritmo e um sentimento de que estamos ouvindo uma música. Não há sugestão, apenas, de alguém falando sobre algo, existe uma preocupação com os usos metro poético, da versificação etc. Os três poemas se aproximam devido à abordagem de uma mesma temática, apenas na forma estrutural se distanciam, ou seja, embora os três apresentem rima, apenas o de “Resistência” de Cristiane Lima Santos Rocha nos deu um sentimento de musicalidade. Em suma, é a palavra que os une, o dizer. Sobre esse aspecto, ponderam Soares e Jorge (2020):

Nesse esteio, cabe aqui destacar um grupo que historicamente sofreu com as barreiras construídas para o seu silenciamento: as mulheres negras. Todavia, estas seguem resistindo às opressões de gênero e raça, buscando romper com a mentalidade patriarcal, e encontram na literatura uma das grandes aliadas nessa resistência. A palavra torna-se, então, instrumento de luta contra a invisibilidade sofrida por mulheres negras durante séculos. (SOARES; JORGE, 2020, p. 28).

A literatura é uma das ferramentas de reprodução de vivências individuais e coletivas, em se tratando de produções femininas negras se torna ainda mais significativa para uma parcela da população brasileira que ainda sofre como seus antepassados sofreram. A autorrepresentação das autoras estudadas traz consigo o anseio de muitas outras mulheres negras de serem emancipadas e de serem autoras da representação de sua própria imagem e de ter voz.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Direcionamos nossa investigação às produções poéticas da obra *Escrituras Negras: A Mulher que reluz em mim*, mas utilizamos apenas três poemas dessa significativa antologia, sendo os poemas: “Intolerância”, de Cecília Peixoto, “Ser Negra”, de Patrícia Anunciada e “Resistência” de Cristiane Lima Santos Rocha.

Ao buscar a apresentação de como traduzem a escrevivência perpassada nos signos/símbolos da negritude em sua tessitura estética; e considerando que os três poemas abordam a mesma temática, percebemos que os três têm plasmada em seu engenho poético a autorrepresentação, a subjetividade do olhar feminino, a vivência feminina, o transbordar de emoções. Além disso, eles desenvolvem uma escrita baseada na oralidade, ou seja, nos conhecimentos adquiridos ao longo dos anos que eram passados verbalmente, na cultura e nas tradições ancestrais que cultuam o sagrado, além de expressar a voz feminina negra da contemporaneidade. Isso foi possibilitado por meio dos poemas que traduzem o poder de falar e ser veículo de fala de muitos/as pessoas negras que ainda se veem acorrentados/as e amordaçados/as pela sociedade brasileira, que continua racista, intolerante e preconceituosa.

Sobre os poemas, em específico, ponderamos: a escrita com tom de desabafo, de reconhecimento e de defesa da sua religiosidade que o poema “Intolerância”, de Cecília Peixoto, nos apresenta em suas palavras a escrevivência evidenciando mazelas na sociedade contemporânea que persiste desde a escravidão. Correlatamente, o poema “Ser Negra”, de Patrícia Anunciada nos direciona à reflexão sobre a vida de uma mulher negra, descrevendo-a em poucas linhas por meio de sua escrevivência, demonstrando que a escrevivência se torna uma escrita com anseio rítmico e com sentido de continuidade com marcas da sabedoria ancestral. Por fim, o poema “Resistência”, de Cristiane Lima, nos encanta com a versificação que instiga nosso pensamento e nos faz visualizar mentalmente como se estivesse comendo palavras ou um texto absolvendo outro texto.

Um estudo das produções de cunho feminino negro nos dá inúmeras possibilidades de enriquecer ainda mais as pesquisas científicas da academia no tocante à história de formação literária, considerando sua expressão afro-brasileira. Além disso, propicia a reflexão sobre a igualdade de gênero e o combate ao racismo em todas suas formas atuais. Soma-se nisso o combate à intolerância religiosa e a identificação de contribuições vindas de outros povos que perpassam a religião. Também, reflexões sobre a formação social e cultural vigente, as técnicas de produção agrícola, as receitas, as manifestações culturais, as coreografias e as vestimentas utilizadas — elementos esses que possuem ligação com a contribuição da população negro-brasileira na formação de nossa cultura.

É importante dizer que o estudo sobre a escrevivência de mulheres negras vai muito além do que foi aqui discutido. Sua expressão apresenta potenciais sentidos atribuídos com base nas pesquisas e observações de novos/as pesquisadores/as, que podem ampliar essa

conceituação. Isso, sempre, com base nas obras, nos poemas, dentre outros modos de linguagem literária. No nosso caso, usamos como objeto de pesquisa os poemas já enunciados. Entendemos que a leitura deles não se esgota. Diante disso, outros pesquisadores podem se aprofundar com outras abordagens que não chegamos e se transformar com a realidade da descoberta, tal como nós.

Apontamos aqui algumas das possibilidades de aprofundamento nas pesquisas sobre a escrevivência de mulheres negras. A escrevivência como símbolo de humanidade, uma vez que ela é a escrita da cultura, a organização social, tradições, crenças, subjetividade individual humana e coletiva, sentido de humanidade de um povo/gênero tratado como animais e/ou objeto sexuais e de procriação. Outra possibilidade é a escrevivência para destacar a importância dos estudos sobre mulheres negras bestificadas/objetificadas nas representações literárias de cunho masculino branco. Apontamos também a escrevivência como contradição, é aquilo que coloca em questionamento a suposta verdade “absoluta” do homem branco, do colonizador. Essa ação criativa mostra com a escrita que a reprodução da realidade, a partir de quem a vive, e assim, apresenta outra história, contrária às representações mentais e escritas dos que não vivem a realidade de mulheres negras.

Ressaltamos que existem muitas outras produções literárias a serem investigadas e a possibilidade de tornar-se cânones evidenciando outras autoras que na seara de suas produções esteja a escrevivência.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Cultura letrada**: literatura e leitura. São Paulo: UNESP, 2006.

ALENCAR, Claudiana Nogueira de. “A escritura a escrevivência a invenção a poema”: performances e decolonialidades nas gramáticas culturais das coletivas de poetisas periféricas. **Trab. Ling. Aplic.**, Campinas, n(60.3): 612-625, set./dez. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/jsdJfmLV3gwqwJYyj554S4p/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 04 mai. 2023.

ANUNCIADA, Patrícia. Ser negra. *In*: NASCIMENTO, Jeovânia Pinheiro do (org.). **Escrituras negras – a mulher que reluz em mim**. São Paulo: Ed. Ixtlan, 2020.

AZEVEDO, Regina Maria. **Numerologia fácil**. São Paulo: Alemdalenda; Outras Palavras, 2001.

CANDIDO, Antonio. **O estudo analítico do poema**. 5ª ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

CONHECENDO nossas autoras. Site: **Escrituras Negras**. S/d. Disponível em: <https://escriturasnegras.blogspot.com/p/conhecendo-no-nossas-autoras.html>. Acesso em: 14 jun. 2023.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos - Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. 16ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea**: um território contestado. Rio de Janeiro: Editora da UERJ; Vinhedo: Horizonte, 2012.

EVARISTO, Conceição. Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365>. Acesso em: 14 abr. 2023.

FERREIRA, Iara Tereza de Sousa. **O amor e a metapoesia no cenário literário dos poemas de Amneres**. 2022. 24f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2022.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

LIMA, Cristiane. Resistência. *In*: NASCIMENTO, Jeovânia Pinheiro do (org.). **Escrituras negras – a mulher que reluz em mim**. São Paulo: Ed. Ixtlan, 2020.

MONTEIRO, Luiz Fara. **Traumatizada por meio século de racismo, Madalena resiste a um abraço**. Youtube, 07 de abril de 2023.

MIBIELLI, Roberto. Câneone. *In*: JOBIM, José Luís; ARAÚJO, Nabil; SASSE, Pedro Puro. (orgs.). **(Novas) Palavras da Crítica**. Rio de Janeiro, RJ: Edições Makunaima, 2021.

NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância religiosa**. São Paulo: Pólen, 2020.

PEIXOTO, Cecília. Intolerância. *In*: NASCIMENTO, Jeovânia Pinheiro do (org.). **Escrituras negras – a mulher que reluz em mim**. São Paulo: Ed. Ixtlan, 2020.

SOARES, Cecília Moreira.; JORGE, Grácia Lorena da Silva. Mulher Negra na Literatura: A palavra como Instrumento de Luta e Resistência. **Revista Temas em Educação**. João Pessoa, Brasil, v. 29, n. 3, p. 27-46, set./dez., 2020.

VICINIESCKI, Bruna. **Conceição Evaristo e Suas Contribuições como Escritora e Pesquisadora**. Disponível em:

https://editorarealize.com.br/editora/anais/coneil/2020/TRABALHO_COMPLETO_EV144_MD1_SA8_ID53222102020105435.pdf. Acesso em: 10 junho. 2023.

WEDDERBURN, Carlos Moore. Do marco histórico das políticas de ação afirmativa. *In*: SANTOS, Sales Augusto dos (org.). **Ações afirmativas e combate ao racismo nas Américas**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.